





DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v22i00.8675682>

Artigo Original

Brincar ou não brincar na rua: eis a questão?

To play or not to play in the street: that is the question?

Jugar o no jugar en la calle: ¿esa es la cuestión?

Luis Bruno de Godoy¹ 
Rogério Zaim-de-Melo² 

RESUMO

Introdução: Trata-se um estudo transversal, descritivo-exploratório utilizando a amostragem não probabilística, do tipo *snowball sampling*. **Objetivo:** compreender se existe um afastamento da criança em relação ao brincar na rua, sob a ótica de pais ou responsáveis; elencar quais são os motivos que levam a esse distanciamento; e analisar se os motivos são os mesmos para as crianças que estudam em escolas públicas e escolas privadas. **Metodologia:** Participaram do estudo 112 pais responsáveis por 124 crianças, dentre as quais 25 estudam em escolas públicas e 99 em escolas da rede privada de ensino. **Resultados e discussão:** Os dados obtidos apontam que na percepção dos pais as crianças não brincam na rua (62%), tendo como principais motivos a preocupação com o trânsito e com a segurança das crianças e a falta de tempo devido a muitas atividades extraclasse para as crianças das escolas privadas e escolas públicas. Adicionalmente, entre os escolares em instituições públicas, a falta de estrutura da rua também figurar como motivo. **Conclusão:** Com a análise dos dados é possível inferir que o afastamento da criança da rua está relacionado principalmente aos receios dos pais, muitas vezes fundamentados na possibilidade da existência de um problema, nem sempre próximo a eles.

Palavras-chave: Ruas. Criança. Jogos e brinquedos.

¹ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Limeira-SP, Brasil.

² Universidade Federal do Mato Grosso Sul, Câmpus do Pantanal, Corumbá-MS, Brasil.

Correspondência:

Rogério Zaim-de-Melo. Rua Ciríaco de Toledo, 630, Dom Bosco, Corumbá - MS, CEP 79330-040.
Email: rogeriozaimelo@gmail.com



ABSTRACT

Introduction: This is a cross-sectional, descriptive-exploratory study using non-probabilistic, snowball sampling. **Objective:** to understand whether there is a distancing of children from playing in the street, from the point of view of parents or guardians; listing the reasons that lead to this distancing; and analyzing whether the reasons are the same for children studying in public and private schools. **Methodology:** The study involved 112 parents responsible for 124 children, 25 of whom study in public schools and 99 in private schools. **Results and discussion:** The data obtained shows that children don't play in the street: 62% of the parents said that their children don't play in the street, the main reasons being concern about traffic and children's safety and lack of time due to many extra-curricular activities for private school children, and the same reasons plus the lack of structure in the street for children to play in for public school children. **Conclusion:** The analysis of the data shows that keeping children away from the street is mainly related to parents' fears, often based on the possibility of a problem, which is not always close to them.

Keywords: Streets. Child. Play and playthings.

RESUMEN

Introducción: Se trata de un estudio transversal, descriptivo-exploratorio, utilizando un muestreo no probabilístico, tipo bola de nieve. **Objetivo:** comprender si existe un distanciamiento de los niños de jugar en la calle, desde el punto de vista de los padres o tutores; enumerar las razones que llevan a este distanciamiento; y analizar si las razones son las mismas para los niños que estudian en escuelas públicas que para los que estudian en escuelas privadas. **Metodología:** En el estudio participaron 112 padres responsables de 124 hijos, 25 de los cuales estudian en colegios públicos y 99 en colegios privados. **Resultados y discusión:** Los datos obtenidos muestran que los niños no juegan en la calle: el 62% de los padres afirmaron que sus hijos no juegan en la calle, siendo las principales razones la preocupación por el tráfico y la seguridad de los niños y la falta de tiempo debido a las numerosas actividades extraescolares para los niños de la escuela pública, y las mismas razones más la falta de estructura en la calle para que los niños jueguen para los niños de la escuela pública. **Conclusión:** El análisis de los datos muestra que mantener a los niños alejados de la calle está relacionado principalmente con los temores de los padres, a menudo basados en la posibilidad de un problema, que no siempre está cerca de ellos.

Palabras Clave: Calles. Niño. Juego e implementos de juego.

INTRODUÇÃO

Se perguntarmos as pessoas mais velhas sobre qual era o espaço que elas utilizavam para brincar, a resposta será sempre a mesma: a rua, um lugar que se podia brincar livremente (Zaim-de-Melo; Scaglia, 2022; Melo; Golin; Zaim-de-Melo, 2021). Existe um certo saudosismo, sobre esse tempo, têm-se a impressão de que as crianças de outrora brincavam mais, levando a crer que a infância hoje corre o risco de desaparecer (Postman, 1999), ideia que já foi desacreditada, mas que encontra ainda muitos adeptos (Habowski; Ratto, 2023). A infância está desaparecendo, as crianças estão perdendo sua identidade. As brincadeiras infantis, uma vez tão comuns nas ruas de nossas cidades, também estão desaparecendo, os jogos infantis são agora uma espécie ameaçada (Canassa, 2013).

Os jogos aos quais a Canassa (2013) se refere, são os chamados jogos tradicionais, jogados na rua. Jogar na rua é uma situação complexa. Ao brincar na rua, as crianças têm a oportunidade de tomar decisões por si mesmas, solucionar problemas e assumir riscos controlados. Elas aprendem a lidar com desafios e a desenvolver habilidades de resolução de problemas de forma independente.

Observar tudo o que ocorre nesse ambiente (rua) é uma tarefa desafiadora, já que qualquer mudança de perspectiva nos proporciona uma visão ampliada e nos permite enxergar mais do que inicialmente pretendíamos.

A fim de evitar cair nas armadilhas de pedagogizar a experiência, como critica Larrosa (2012); optamos por olhar para o jogo valorizando seu aspecto lúdico/experiencial. Abandonamos a tentativa de transformar todas as formas de jogos e brincadeiras em atividades pedagógicas, mas, valorizamos a intensidade do momento, daquilo que emerge do encontro com a ludicidade, que acaba por ampliar os encontros nesse no ato de jogar (Scaglia; Freire, 2003).

Se, por assim dizer, estamos olhando para o jogo a partir da perspectiva experiencial de Larrosa (2017), é preciso conceber esse jogar como único, inédito, onde aquilo que ocorre passa de maneira direta para com aqueles que jogam, os afetando diretamente, deixando marcas (Godoy; 2023). Esse pensamento, estabelece uma importante compreensão dos jogos e brincadeiras de rua, tendo esse lugar da experiência como potente e fértil para afetação daqueles a que dela experienciaram.

A partir do exposto, é preciso salientar de qual lugar partimos para falar de jogo e quais suas possíveis diferenciações em torno dos jogos, visto que em alguns momentos ambos podem ser compreendidos da mesma forma. No entanto, para Godoy, Leonardo e Scaglia (2022), o jogo é, pois, a manifestação,

aquilo que se concretiza no a todo jogar, não palpável ou passível de ser tomado, não tem um caráter funcional. Por sua vez, os jogos, se manifestam em seus objetos-culturais: brincadeira; esportes; artes; relações etc. Essa, conceituação se faz importante para compreendermos que, de acordo com os autores, que, todos os jogos são englobados pelo jogo, ao passo que, nem todo jogo são jogos.

Outro ponto a ser considerado, está na complexidade e nas diversas interpretações associadas ao termo "rua", é importante esclarecer que estamos nos referindo a uma categoria específica de jogos que se baseiam no espaço imediato do entorno, como a vizinhança, e que são considerados como tradicionais, possuem vida própria e história única, não são meramente formas primitivas do esporte, mas sim representam uma forma de interação social distinta, associada à noção de festividade e comunidade (Zimmerman, 2014).

Freire (2022), chama de rua, não o espaço de asfalto ou terra no qual circulam carros, carroças, pessoas, mas, tudo aquilo que advém deste lugar, que cria uma memória, que estabelece uma relação, uma sociedade lúdica, que produz uma forma de conhecimento distinta das demais. Esse lugar que fica na memória e sustenta a autonomia de um pensamento, perpassa por uma pedagogia que se origina neste lugar, uma pedagogia marginal, que resiste e mantém viva a memória.

A memória coletiva e, muitas vezes anônima, dá a sustentação à sobrevivência dos jogos e brincadeiras tradicionais que possuem raízes que remontam a tempos quase impossíveis de determinar, e conseguiram resistir ao passar do tempo (Lavega Burgués, 2000). Sua transmissão ocorre principalmente de forma oral, passando de geração em geração, envolvendo avós, pais, familiares ou pessoas com um vínculo afetivo com os jogadores. Além disso, a transmissão também acontece entre pessoas da mesma geração, como irmãos, primos ou amigos de idades semelhantes. A transmissão oral é essencial para preservar a autenticidade e os detalhes desses jogos, mantendo-os vivos e relevantes na sociedade atual (Zaim-de-Melo *et al.*, 2023).

Os jogos e brincadeiras tradicionais contribuem para a preservação da cultura lúdica de um povo. Eles refletem a história, os costumes e as tradições de uma comunidade específica. Jogar esses jogos ajuda a preservar e transmitir a identidade cultural para as gerações futuras (Kishimoto, 1993; Marin; Ribas, 2013).

Outra característica importante dos jogos e brincadeiras tradicionais é sua capacidade de promover a interação social e fortalecer os laços entre as pessoas, são frequentemente jogados em grupos, proporcionando oportunidades para as pessoas se reunirem, se divertirem e construírem relacionamentos. Os jogos e brincadeiras tradicionais também ajudam a fortalecer a coesão comunitária e a promover um senso de pertencimento, sentimento muito comum nos campinhos

de futebol dos bairros ou nas disputas de pipa (Alves; Rizzo; Zaim-de-Melo, 2019).

Muitos jogos e brincadeiras tradicionais são acompanhados de regras e normas específicas que os jogadores devem seguir, como por exemplo, em um jogo de queimada, não lançar a bola com muita força para não machucar o adversário. Essas regras ensinam conceitos de fair play, respeito, cooperação, trabalho em equipe e competição saudável. Nesse contexto, os Jogos e Brincadeiras Tradicionais auxiliam na transmissão de valores importantes e na promoção de comportamentos éticos entre os participantes.

Para Zimmerman (2021, p. 65) os jogos e brincadeiras tradicionais são também formas de resistência, pois seu universo “reforça a diversidade cultural que pode ser acessada como tradição pública valiosa nos ambientes de ensino formal”.

Diante desse contexto, a utilização da “rua” como meio de preservação dos jogos e brincadeiras tradicionais e as diferentes mudanças culturais ocorridas em relação ao espaço e tipos de jogos na sociedade contemporânea, o presente artigo teve o objetivo de compreender se existe um afastamento da criança em relação ao brincar na rua, sob a ótica de pais ou responsáveis; elencar quais são os motivos que levam a esse distanciamento; e analisar se os motivos são os mesmos para as crianças que estudam em escolas públicas e escolas privadas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, descritivo-exploratório (Thomas; Nelson; Silverman, 2012), com o intuito de observar, registrar e correlacionar os fenômenos sem interferir neles. Para encontrar os participantes utilizamos uma amostragem não probabilística, do tipo *snowball sampling* (Handcock; Gile, 2011), os primeiros participantes que aceitaram participar do estudo foram fornecendo o contato de outros e, em alguns casos, convidando seus pares a participar do estudo. Também, direcionamo-nos a duas escolas solicitando que encaminhassem o formulário da pesquisa aos responsáveis pelas crianças. A opção por essa técnica deu-se por ser recomendada para se alcançar populações que estão longe dos pesquisadores.

Participaram do estudo 113 pais, mães ou responsáveis por 124 crianças com idade de $8,9 \pm 4$ anos, residentes em Corumbá (MS), Ladário (MS), Aquidauana (MS), Dourados (MS), Ponta Porã (MS), Campinas (SP), Ourinhos (SP), Marília (SP), Ribeirão Preto (SP), Santo André (SP), Laranjal Paulista (SP), Rio Claro (SP), Santa Cruz do Rio Pardo (SP), São Paulo (SP), Tatuapé (SP), Cascavel (CE) e Rio de Janeiro (RJ). Dessas 124 crianças, 25 estudam em escolas públicas e 99 em escolas da rede privada de ensino.

Durante os meses de outubro e novembro os pais, mães ou responsáveis responderam a um formulário de pesquisa online, disponível na plataforma *Google Forms*, com nove questões, sendo seis fechadas (local de moradia; se o(a) filho(a) brinca na rua; como ele(a) brinca; onde ele(a) brinca; e o tempo destinado ao brincar) e três abertas (idade da criança e onde a criança estuda). As razões de não brincar na rua foram perguntadas tanto em questão fechada quanto aberta.

Juntamente com o formulário, os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), obedecendo aos critérios éticos da pesquisa. A pesquisa é desdobramento de um estudo de doutorado aprovado em um comitê de ética e pesquisa com o número CAAE 60115516.6.0000.0021.

Os dados obtidos via questões fechadas foram agrupados por categorias e oriundos das questões abertas foram submetidos a análise de conteúdo e foram acrescidos nos grupos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados permitiu a organização de dois grupos: brincar na rua; e, não brincar na rua. No primeiro grupo estão as respostas relacionadas ao espaço e tempo de brincar, já no segundo grupo, as respostas e os motivos relacionados ao não brincar na rua.

BRINCAR NA RUA

Das 124 crianças cuja respostas foram dadas pelos pais, mães ou responsáveis 48 (38,7%) brincam na rua e 76 (61,3%) não brincam. No que concerne a análise por tipo de escola, os dados ficam assim distribuídos - SIM: 48 (32/66,7% escola particular e 16/33,3% da escola pública), e - NÃO: 76 (67/88,15% escola particular e 09/11,85% da escola pública).

A figura 1 foi construída para uma melhor visualização desses dados.

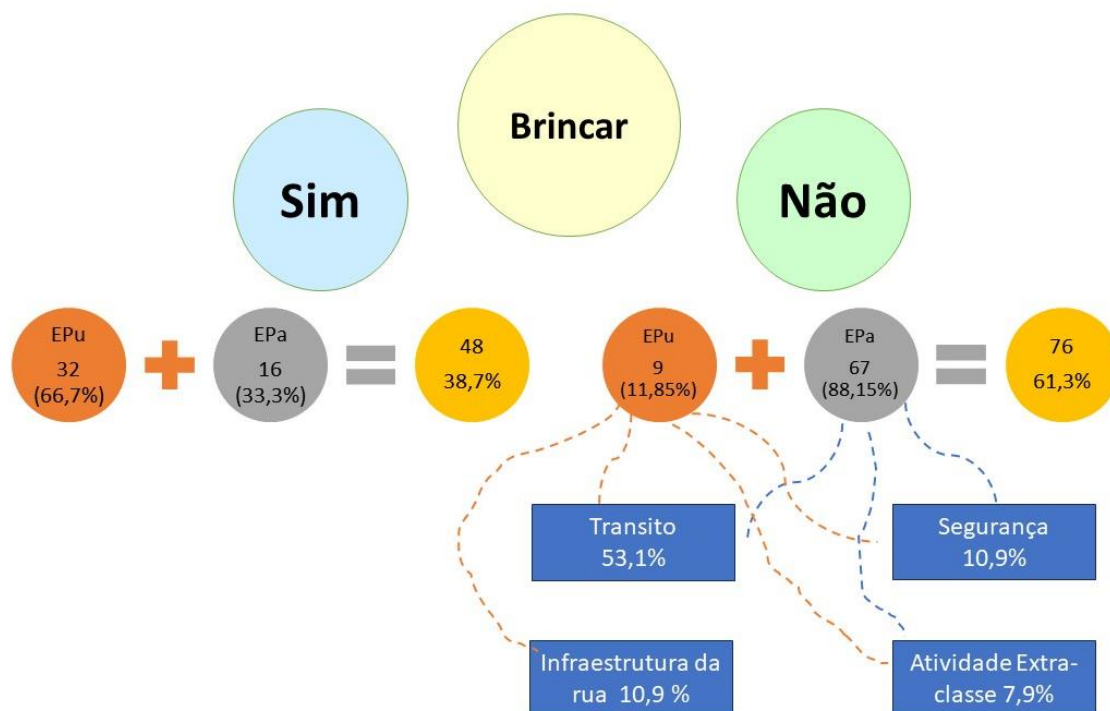


Figura 1 - Brincar ou não na Rua.

Os motivos do não brincar na rua poderiam ser apontados tanto nas questões fechadas, quanto na questão aberta. Nas questões fechadas foram assinaladas as seguintes respostas: tenho receio da velocidade dos carros, motos (preocupação com o trânsito – 53,1%); tenho receio que ele possa ser e/ou na região que eu moro existe um fácil acesso a drogas (segurança – 10,9%); a minha rua é pouco iluminada com sinalização de trânsito ruim (10,9%) e, ele não tem tempo para brincar na rua, pois faz atividades extraclasse (atividade extraclasse – 7,9%). Exceto a questão que envolvia o acesso as drogas, todas as outras foram assinaladas, sendo que o trânsito, o medo do assalto e a criança fazer atividade extraclasse são questões que preocupam, tanto os pais das escolas públicas, quanto das escolas particulares.

No que concerne a preocupação com trânsito, os pais pontuaram a preocupação com o aumento da velocidade dos carros, as melhorias nas vias públicas geram insegurança e por consequência a proibição, gerando o que Wenez (2014, p. 354) chama de “um movimento de precaução no cuidado da criança”. Os dados apresentados corroboram com Zaim-de-Melo e Golin (2019) que afirmam que os avanços tecnológicos, a urbanização desenfreada, a melhoria das vias pavimentadas, a potência dos veículos automotores gerou um aumento exponencial na sensação de insegurança nas ruas e calçadas, levando a muitos pais a impedirem seus filhos de brincar nesses locais. Como afirmam Silva e Nunes (2008), o bem público passa a se configurar mediante as necessidades de correntes do capital, diminuindo as relações sociais outrora existentes, no nosso caso, os jogos e brincadeiras advindas da cultura popular.

Moro em um apartamento que está localizado em uma rua movimentada no centro da cidade, nessa rua não há crianças brincando, talvez pelo mesmo motivo, o que realmente é uma pena (Participante 70, responsável por uma criança de 09 anos).

O segundo motivo apresentado é a preocupação com a segurança dos filhos, motivados pelo medo da violência (assalto, sequestro), muitas vezes não permitem as crianças e aos adolescentes caminhem alguns quarteirões até a escola.

O mundo de hoje já não é mais seguro para as crianças brincarem na rua como antigamente (Participante 69, responsável por uma criança de 08 anos).

Medo de sequestro, violência, entre outros (Participante 40, responsável por duas crianças de 06 e 08 anos).

Silva e Nunes em estudo desenvolvido em 2008, já destacavam essa problemática, ao afirmarem que o local público vinha perdendo público em razão do medo crescente da violência comumente noticiadas nas mídias da época, o que implicava (e ainda implica) diretamente no tempo e local do brincar, que vão sendo cada dia mais reduzidos.

Essa preocupação não acontece apenas no Brasil, Marques (2014) chama essa situação de *overparenting*, que se apresenta como uma tendência em algumas sociedades ocidentais, levando a um menor desenvolvimento da autonomia da criança.

O terceiro motivo apresentado pelos pais, mães ou responsáveis que levam a criança a não brincar na rua é a ausência de tempo devido ao aumento de atividades que as crianças realizam além do horário de permanência na escola, as chamadas atividades extraclasse, ou a própria permanência na escola, com a inserção do turno integral, o Plano Nacional de Educação do Brasil, aprovado em 2014, traz como meta 6, 25% dos alunos matriculados no Brasil em Escolas em tempo integral (Brasil, 2014).

Em um ambiente de incertezas e mudanças rápidas, Bauman (1998), nos chamará atenção para a liquidez, fluidez e volatilidade presente na sociedade contemporânea, o que acaba por afetar diretamente as relações socioculturais. Essas mudanças atreladas na maior parte das vezes a globalização, modifica as relações pessoais, a forma com que lidamos umas com as outras e com o meio no qual estamos inseridos, o que acaba por levar a uma superficialidade e efemeridade das relações.

Tudo isso, diretamente relacionado aos padrões de consumo que buscam moldar a forma na qual nos comportamos e agimos. As ditas identidades, são estruturadas a partir da ideia de consumo e, tudo aquilo que não contribui para a

ampliação do capital, aos interesses da elite e dos detentores do poder, torna-se um risco, uma ameaça a ser combatida, pelo fato de não serem consumidores.

O consumo atrelado a esses processos globalizatórios, afeta não só a maneira com que lidamos com os outros e com o mundo, mas, para o nosso próprio olhar para com nós mesmos e segundo Bauman (1998) a formação da identidade. Por outro lado, Deleuze e Guattari (2011), afirmam que essa própria ideia de identidade é complexa, pois retoma sempre a unidade, ao *Uno*, a centralidade, ao poder. Para Deleuze e Guattari, é preciso romper até mesmo com esse olhar, tendo em vista uma constituição a partir da multiplicidade, do encontro. Visto que, falar de formação identitária, é ignorar que o nosso próprio desejo é capturado pelos aparelhos de Estado, e, sustentar essa ideia, é ser subserviente aos modelos e não aos encontros. Deste modo, se a própria identidade é fluída e líquida, façamos dela esses encontros.

O brincar na rua para a criança, abre possibilidade para que esses encontros aconteçam, o brincar é improvisado, a criança cria seus brinquedos, recorre ao quintal, a lixeira, a vizinho, o tijolo que desenha o campo e serve de golzinho, o taco e a lata de óleo usadas para o Bets (ou taco, como a sua cultura lúdica conhecer), o carrinho de bebê quebrado é desmanchado para integrar o carrinho de rolimã. São poucas as vezes em que o capital intervém de maneira significativa na rua, e quando isso ocorre, as crianças encontram meios de criar a sua maneira aqueles brinquedos que não conseguem comprar; o pião de mão até podia não ser páreo para o *beyblade*, mas nenhum ousava desafiar o *beyblade* feito pelas crianças a partir da catraca de bicicleta:



Figura 2 – *Beyblade* feito com catraca de bicicleta. Fonte: Bey... (2023).

Para Godoy *et al.* (2021), esse brincar na rua é linha de fuga, é erva daninha que cria e recria modos de existências únicos, processos de subjetivação. A criança vai criando e escapando dos modelos, ela inventa, cria, transforma, faz a própria pipa, a rabiola; a linha não é suficiente? Faz um nó e une dois, três, quatro carretéis, o que importa é o brincar acontecer (Deleuze; Guattari, 2011).

Deste modo, o que o brincar na rua favorece para a globalização? Se olharmos a partir das teorias de Bauman (1998), nada! Deste modo, aquilo que é funcional e de interesse do capital, é fomentado e acaba por tomar certos espaços do próprio brincar, o que vai sucumbindo, sufocando, colonizando esse lugar único do brincar, e, a partir disso, a rua acaba rechaçada, em decorrência do medo do outro, das incertezas e de tudo aquilo que advém da sociedade globalizada.

OUTROS MOTIVOS

Além das opções fornecidas no questionário, os responsáveis tinham a opção de escolher "Outros". As questões foram unidas em grupos por aproximação. Ainda assim, houve uma grande variedade de respostas, conforme ilustra a figura 3.

No esquema seguinte (FIGURA 3), é possível visualizar as inferências que mais apareceram nas respostas dadas pelos responsáveis:



Figura 3 – Respostas fornecidas pelos responsáveis.

A existência de outros espaços para o brincar aparece em quatro das 21 respostas, na opção "Outros", o que pode estar atrelada diretamente a insegurança quanto à violência e ao trânsito. No entanto, algumas outras também

aparecem com maior frequência: o medo do trânsito (três respostas) e o medo da violência (três respostas) que já foram pontuados anteriormente; na sequência também com três respostas, temos a “falta de companhia”, para essa, as respostas dadas dizem não haver na rua da casa outras crianças que brinquem na rua e, uma das respostas, diz que a criança não conhece as demais que estão a brincar na rua, justificando como um motivo pelo qual a criança não brinca na rua.

Esse é um fato curioso a se pensar, na infância uma das formas de se fazer novos amigos era justamente o brincar na rua, não conhecia para se poder brincar, mas, se brincava para poder conhecer, fazer amizade era uma consequência da brincadeira. As crianças aos poucos iam se encontrando, entravam para completar o time, ou, quando menos se percebia estava batendo pique no esconde-esconde e procurando sem ao menos saber o nome dos demais. A brincadeira ia acontecendo, a crianças se integrando, encontrando outras, propondo novas brincadeiras ou mesmo novas formas de brincar a mesma brincadeira.

A resposta apresentada pelo responsável faz estranhar a qualquer um que tenha sido criança até meados da década de 1990/2000. Custa lembrar as vezes em que tivemos de ser apresentados para brincar, simplesmente brincávamos, quando os responsáveis percebiam, as crianças já estavam enturmadas, haviam feitos novos amigos, e, ali, ia-se a tarde toda sem que se pudesse perceber; como afirma Freire (2005), o Kairós era mais intenso que o Cronos, no entanto, o Cronos sempre se fazia presente para que o jogo se encerrasse, no entanto, as memórias e os amigos que sugeriram no brincar não eram abalados pelo Cronos, a amizade estabelecia laços que replicavam novos brincares.

Assim, essa fala gera um certo estranhamento, a pensar se não há, pois, uma intromissão do adulto neste pensamento. Por sua vez, é preciso também refletir se essa ausência de companhia presente em duas das respostas dadas, essa pode estar atrelada as demais já pontuadas: medo do trânsito e o medo da violência, visto que, se há um esvaziamento desse espaço do brincar, a criança que em muitos momentos tem o outro enquanto parte do seu brincar e até mesmo, como instrumento do seu brincar, acaba por não ter com quem compartilhar da brincadeira.

Duas respostas evidenciaram a ausência de interesse por parte das crianças, alegando não gostar ou não querer brincar na rua. Podemos especular que a decorrência de tecnologias digitais pode ter impactado tais respostas, visto que, jogos e aplicativos como: *Free Fire*, *Tik Tok* e outros, tem tomado parte do tempo das crianças e pode ter feito com que o interesse para o brincar na rua seja substituído por essas tecnologias.

As demais tiveram apenas uma resposta, nenhum semelhante a outra: A falta de tempo aparece em uma delas, o que pode nos levar a questionar a partir da pedagogia da infância, sobre a ausência de espaço do brincar e como esse

acaba sendo preenchida por outras atividades ditas como “essenciais” para o desenvolvimento da criança, ignorando a importância do brincar ou tratando-o como algo menos relevante. As famílias que pertencem as classes mais altas da sociedade ao se preocuparem com o futuro econômico de seus filhos, buscam maneiras de capacitá-lo visando o destaque em um mercado competitivo e a “garantia” que alcancem o sucesso (Marques, 2014). Os apontamentos de Marques, corroboram com os dados encontrados. Nove responsáveis afirmaram que seus filhos não possuem tempo para brincar na rua pois estão envolvidos em atividades extraclasse.

Algumas outras respostas aparecem isoladamente, como no caso da proibição em decorrência da sujeira da rua (uma resposta), falta de idade (uma resposta) e proibição dos pais (uma resposta), além de, uma resposta para “permite brincar, desde que esteja sob supervisão de um adulto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saudosismo da rua como espaço de brincar, muito bradado por aqueles que tiveram essa oportunidade gera especulações sobre os motivos que levaram ao afastamento das crianças das ruas. Nesses espaços, principalmente nos grandes centros urbanos, observa-se cada vez menos crianças brincando. Buscamos na literatura dados científicos que explicassem essa diminuição, não encontramos.

Nesse contexto realizamos o presente estudo, com os objetivos de: - compreender se existe um afastamento da criança em relação ao brincar na rua, sob a ótica de pais ou responsáveis; - elencar quais são os motivos que levam a esse distanciamento; e - analisar se os motivos são os mesmos para as crianças que estudam em escolas públicas e escolas privadas.

Com a análise dos dados foi possível inferir que o afastamento da criança da rua está relacionado principalmente aos receios dos pais, receios esses que são pertinentes, o aumento da velocidade dos carros e por consequência um trânsito bem mais perigoso. Já outras razões estão fundamentadas na possibilidade da existência de um problema, um assalto ou um sequestro, nem sempre próximo a eles, mas presente no imaginário coletivo.

Um outro motivo que se configura é a necessidade dos responsáveis em proverem um futuro “melhor” para os seus filhos, investindo em atividades extraclasse que possibilitariam a uma formação melhor para o mercado capitalista.

Entre as crianças das escolas públicas e privadas, não encontramos diferenças significativas entre os motivos apontados pelos seus responsáveis para elas não irem brincar na rua.

A presença cada vez menor da criança na rua é uma realidade, que leva a uma dura consequência, a rua que foi para muitos um espaço de convivência e aprendizado, principalmente de jogos e brincadeiras tradicionais, tem se tornado apenas um espaço de passagem, o que no futuro pode implicar na extinção de alguns jogos e brincadeiras, caso o seu local de aprendizagem não seja transferido para um outro espaço, como a escola por exemplo.

Novos estudos precisam ser realizados sobre a criança e a rua para que se possa entender melhor como conduzir esse processo de afastamento, que tudo indica é irreversível, pensando em políticas públicas de lazer e na inserção de horários livres para o brincar na escola, sem o compromisso pedagógico. Que nossos professores deixem as nossas crianças apenas brincar.

Também, é preciso salientar que o estudo é circunstancial e sua representatividade diz respeito aos participantes nas dadas localidades, não tendo a pretensão ou sendo capaz de apontar a realidade para todos os pais, alunos e escolas. A amostragem do estudo é insuficiente para essa representatividade, no entanto, mesmo que com uma grande amostragem, acreditamos que ainda haveriam tais limitações.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Luis Bruno de Godoy - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Rogério Zaim-de-Melo - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

ALVES, Julian Marcio dos Santos; ZAIM-DE-MELO, Rogério; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza. Uma pipa no céu, uma criança correndo, a brincadeira mais popular de Corumbá-MS. *Lúdica Pedagógica*, n. 30, 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/344038821_A_kite_in_the_sky_a_child_running_the_MOST_POPULAR_GAME_OF_CORUMBA-MS. Acesso em: 24 jan. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade* Rio de Janeiro, RJ: JorgeZahar, 1998. 276p.

BEY caseiro de catraca finalmente!! fácil de fazer!! [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo Canal do Luca. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Z73Vvm21piw>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 24 jan. 24.

CANASSA, Luciana Maria Rinaldini. *Infância, TIC e brincadeiras: um estudo na visão de profissionais da educação infantil: desafios da geração homo zappiens*. 95f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2013. Disponível em: <http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/handle/tede/887>. Acesso em: 24 jan. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

FREIRE, João Batista. *O jogo entre o riso e o choro*. Campinas: Editores Associados, 2005.

FREIRE, João Batista. *O jogo de bola na escola: introdução à pedagogia da rua*. Autores Associados, 2022.

FREIRE, João Batista. *O jogo: entre o riso e o choro*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GODOY, Luís Bruno de; LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Do macro ao micro jogo: os vários jogos que compõem o jogo. *Motrivivência*, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/87101/51519>. Acesso em:

GODOY, Luís Bruno de. O jogo enquanto um emaranhado rizomático: devindo jogadores-artistas. 2023. Tese (Doutorado em Educação Física e Sociedade) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

GODOY, Luís Bruno de; SILVA, Luis Felipe Nogueira; FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SCAGLIA, Alcides José. Reflexões sobre o brincar na sociedade contemporânea. *Revista Lúdicamente*, v. 10, n. 20, 2021. Buenos Aires. Disponível em:

<https://publicaciones sociales.uba.ar/index.php/ludicamente/article/view/7466/6284>.

Acesso em:

HABOWSKI, Adilson Cristiano; RATTO, Cleber. Cuidado! As crianças estão em risco: a periculosidade no brincar digital. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 16, n. 35, p. e18880, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/18880/14798>. Acesso em: 16 jan. 2024.

HANDCOCK, Mark Stephen; GILE, Krista Jennifer. On the concept of snowball sampling. *Sociological Methodology*, v. 41, n. 1, p. 367-371, 2011. Disponível em:

<https://arxiv.org/pdf/1108.0301>. Acesso em: 24 jan. 2024.

KISHIMOTO, Tizuko Morshida. *Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis; Vozes, 1993. 128p.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BURGUÉS, Pere Lavega. *Juegos y deportes populares tradicionales*. Barcelona: INDE, 2000.

MARIN, Elizara Carolina; RIBAS, João Francisco Magno. *Jogo tradicional e cultura*. Santa Maria: Ed. UFSM 2013.

MARQUES, Alcione. A parentalidade excessiva e as implicações na aprendizagem. *Constr. psicopedag*, São Paulo, v. 23, n. 24, p. 41-51, 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542015000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jan. 2024.

MELO, Marília Soares de; GOLIN, Carlo Henrique; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Acultura lúdica corumbaense expressada por diferentes gerações de uma mesma família. *Geo Pantanal*, 2021, v. 16, n. 31, p. 95-105. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/15587>. Acesso em: 19 jan. 24.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SCAGLIA, Alcides José; FREIRE, João Batista. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2003.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack; SILVERMAN, Stephen. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WENETZ, Ileana. As crianças ausentes na rua e nas praças: etnografia dos espaços vazios. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 13, n. 2, p. 346. 2014. EDIPUCRS.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/G4h3KBRgdL6D68SYRYSYQB/#>.

Acesso em: 24 jan. 2024.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; SCAGLIA, Alcides José. Memórias criancieiras: a infância pantaneira em meados do Século XX. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa - PB, v. 31, n. 1, p. 41-60, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/62408>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; ALVES, Elielson Felipe Rodrigues; FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SANDOVAL, Gabriel Orenge; SILVA, Luis Felipe Nogueira da; GODOY, Luis Bruno de; SCAGLIA, Alcides Jose. "Aprendi jogar bolita com meu irmão!": Saberes e vivências de crianças do ensino fundamental acerca de brincadeiras tradicionais brasileiras. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, n. 49, p. 775-781, 2023. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/371755548_Aprendi_jogar_bolita_com_meu_irmao_Saberes_e_vivencias_de_crianças_do_ensino_fundamental_acerca_de_brincadeiras_tradicionais_brasileiras. Acesso em: 24 jan. 2024.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GOLIN, Carlo Henrique. Entre o tradicional e o eletrônico: os jogos e brincadeiras de estudantes em Corumbá-MS. In: LINHARES, W.L.(Ed.). *Ciências do esporte e educação física: uma nova agenda para a emancipação*. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 69-75.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. O jogo: sobre encontro e tradições. In: ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Pirata, 2014.

ZIMMERMANN, Ana Cristina. Jogos tradicionais: experimentação de diferentes lógicas, formas de ser e conhecer. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 2021, v. 13, p. 55-72. Disponível em: <https://www.secsp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Jogos-tradicionais-experimentac%CC%A7a%CC%83o-de-diferentes-lo%CC%81gicas-formas-de-ser-e-conhecer-Ana-Cristina-Zimmermann.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

Recebido em: 31 jan. 2024
Aprovado em: 30 maio 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

